

Brasil perde um amigo no governo japonês

Isidoro Yamanaka

Segundo amplamente noticiado no Brasil, o deputado Michio Watanabe, vice-primeiro-ministro dos Negócios Estrangeiros, solicitou demissão de seus cargos por problemas de saúde. O Brasil perdeu um grande, se não o maior, aliado no gabinete do governo japonês, ele era a segunda autoridade na hierarquia de seu governo e o primeiro candidato à sucessão do atual primeiro-ministro Kiichi Miyazawa.

O deputado Watanabe, visitou o Brasil pela primeira vez em 1979, quando da realização da reunião Ministerial Conjunta Brasil-Japão, na qualidade de ministro da Agricultura, Floresta e Pesca. Fez questão de participar em Paracatu, Minas Gerais, da cerimônia de abertura do Programa Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento do Cerrado — Prodecir. Montou na boléia de um trator de esteira e iniciou o desmatamento de um programa que se tornou o primeiro empreendimento de sucesso de cooperação econômica externa do Japão do setor agropecuário.

Era o mês de agosto e o ministro além de guiar o trator, fez o percurso de 47 km de estrada de terra ainda em precárias condições “comeu” poeira durante um hora e meia, mas nunca deixou de lado o humor, conversando durante o trajeto com as autoridades locais, presidentes de cooperativas, presidentes e diretores de bancos, autoridades do governo, enfim com todos, querendo saber detalhes sobre o programa. Enfrentando a poeira mas fazendo amizade conquistou a todos e se apaixonou pelo Brasil. Chegou a comprar uma pequena fazenda para o seu filho em Paracatu, associando-se a brasileiros.

Assumiu o Ministério das Finanças de seu país em 1980 e, em 1982, quando o México entrou em moratória, na fatídica reunião de Toronto, o Brasil praticamente, desde então, ficou à margem da comunidade financeira internacional; mas quando todos ministros das Finanças dos países credores fugiam do diálogo com ministros brasileiros, Watanabe os recebeu e ainda divulgava amplamente o encontro, pois acreditava nas possibilidades de entendimentos e recuperação da economia brasileira, aos níveis tradicionais de crescimento de dez por cento ao ano da década anterior.

Chegou a recomendar e aprovou novos financiamentos ao Brasil enquanto ninguém queria nada com o nosso país; e quando da visita do primeiro-ministro Zenko Suzuki, logo em seguida, liberou um novo crédito de 80 milhões de dólares para o Programa Nacional de Irrigação — Profir, em condições excepcionais de juros, carência e prazo. Foi financiamento do Oecf ao Brasil. Também aprovou o Prodecir II, no valor de 300 milhões de dólares.

Em suas seis visitas ao Brasil, sempre acompanhado de deputados da nova geração, incutia neles a visão que tinha das possibilidades de uma parceria entre o Brasil e o Japão. Visitou os estados do Amazonas, Pará, Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, além de Brasília por diversas vezes. Certamente foi o ministro japonês que mais conhece o Brasil. É por isso o mais crítico em relação às autoridades brasileiras. Conheceu e debateu com três gerações de presidentes brasileiros, aos quais nunca deixou de sugerir medidas que achava adequadas ao Brasil: idéias construtivas no seu jeito “caipira do

Tochigui”, franco e sincero, que fizeram com que muitas autoridades brasileiras ficassem “chateadas”.

Certa vez, um ministro do Brasil, queria ouvir a opinião do deputado Watanabe, sobre a reforma agrária que o Japão teria implementado pós-guerra, de parcelamento agrícola aos arrendatários e trabalhadores rurais, e que o Brasil queria adotar. Qual não foi a surpresa do ministro brasileiro quando Watanabe disse simplesmente que após a guerra tiveram que engolir a reforma agrária imposta pelos EUA, sob a mira de seus canhões, e o trabalho posterior de aglutinação de áreas para obtenção da escala compatível à produção agropecuária foi mais onerosa. Tiveram que fazer a reforma agrária contrária do que o Brasil pretendia. E foi mais mordaz: “Entregar terras àqueles que não têm capacidade de administrá-las seria empobrecer cada vez mais a Nação”.

A grande maioria dos brasileiros que visitam o Japão, autoridades ou não, tem acesso ao seu gabinete, quer de ministro de Estado ou de seu escritório político. A todos tem dedicado palavras de incentivo e de alento quanto às perspectivas promissoras das relações bilaterais entre o Brasil e o Japão. E afirma que todos deviam ter um pouco de pressa para que o fato não fique eternamente nas potencialidades mas em termos de realidade do presente, da nossa geração.

Quando as negociações bilaterais entravam em impasse, aos que o procuram ouvia-os atento e imediatamente, quando acreditava naquelas pessoas, pegava do telefone e ligava diretamente aos ministros ou seus responsáveis, esclarecendo-os das diferenças da maneira de negociar entre brasileiros e japoneses, fazendo-se sempre intérprete das colocações das autoridades brasileiras. É quase sempre as soluções surgiam.

Watanabe foi um rompedor de barreiras dentro do Japão, e são muito conhecidas as suas posições que adotou como ministro da Saúde, quebrando o feudo do presidente da Associação Médica que comandava a entidade por quase meio século; como ministro da Agricultura, Floresta e Pesca, nas negociações de abertura do mercado japonês aos produtos agrícolas dos Estados Unidos; como ministro do Miti, ao liberar, contra todos, o seguro de exportação do Brasil; como ministro das Finanças, liberar *new money* para o Brasil quando todos os outros países fecharam os seus cofres; como ministro dos Negócios Estrangeiros, na luta para convencer Gorbatchev, e agora Yeltsin, para a solução das pendências das ilhas setentrionais de Kurilas etc.

A retirada do deputado Watanabe agora do gabinete do governo japonês, embora por problemas de saúde, quando muitos brasileiros acreditavam que ele tinha tudo para se tornar o sucessor do primeiro-ministro Miyazawa, é muito dolorosa. Esperamos que a doença seja passageira e que ele, como em tudo venceu na vida, possa, mais uma vez, extirpá-la de seu organismo.

Fez seu sucessor o deputado Kabun Muto, seguidor de seus ideais, também conhecedor e simpatizante do Brasil, um dos que o acompanhou em visita ao nosso País. Watanabe acredita que as boas relações de amizade, crença e compreensão entre pessoas é que podem sedimentar o relacionamento entre as nações, e com isso a conscientização de suas necessidades complementares. É que Brasil e Japão tem tudo para que isso se torne realidade dependendo dos esforços de ambos os lados.